

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

**FUNCIONAMENTO INTERPESSOAL EM MULHERES QUE
RECORREM A ESTRATÉGIAS SEXUALMENTE AGRESSIVAS:**

Um estudo numa amostra universitária

Vanessa Neto de Lemos

Dissertação de Mestrado do 2º Ciclo em Psicologia Forense

Lisboa

2019

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

FUNCIONAMENTO INTERPESSOAL EM MULHERES QUE RECORREM A ESTRATÉGIAS SEXUALMENTE AGRESSIVAS:

Um estudo numa amostra universitária

Vanessa Neto de Lemos

Dissertação defendida em provas públicas no dia 7 de Abril de 2020, para obtenção do grau de Mestre no curso de Psicologia Forense, conferido pela Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº269/2019, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Jorge Oliveira

Arguente: Prof.^a Doutora Bárbara Gonzalez

Orientadora: Prof.^a Doutora Joana Carvalho

Lisboa

2019

Esta dissertação foi realizada no âmbito do Projeto “FEMOFFENCE – O mito da inocência: Uma abordagem mista para a compreensão da violência sexual perpetrada por mulheres” (PTDC/PSI-GER/28097/2017)

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

Agradecimentos

Quero inicialmente agradecer aos meus orientadores, Professora Doutora Joana Carvalho e Professor Doutor Nélcio Brazão, por toda a paciência, disponibilidade e ajuda prestada nesta dissertação. Os lados obsessivos e controladores de ambos se juntaram bem para que este trabalho fosse entregue. Devo-lhes também este trabalho.

De igual importância, quero agradecer à Professora Doutora Barbara Gonzalez pelos conselhos e dicas prestados, que muito foram úteis para a concretização desta dissertação.

Este trabalho é o culminar de cinco anos de estudo e por isso agradeço também a todos os professores que se cruzaram comigo ao longo deste percurso. A vocês devo-vos a minha formação.

A todas os colegas que se cruzaram comigo e me ajudaram a percorrer esta caminho, a vocês agradeço. Fizeram com que acreditasse sempre em mim.

A todos os meus amigos e amigas que tiveram a paciência de me acompanhar durante o meu percurso académico, o meu profundo obrigado. Obrigado por me aturarem. Por todas as vezes que pensei em desistir, por todas as vezes que me fizeram lembrar de que eu era capaz. Poderia enumerar todos aqui, mas vocês sabem quem são. Obrigado! E tu Miriam que me apanhaste numa fase tão turbulenta da minha vida, obrigada sempre por tudo.

Por último, mas sempre os primeiros. Os meus pais, Ana e Tony, a minha família. É por vocês. Porque nos bons e maus momentos, vocês estão sempre lá, para me dar aquele aconchego e apoio necessário. Muito obrigado por isso. Agradeço-vos esta jornada e dedico-vos todo o meu trabalho. Por mim e por vocês.

Resumo

O objetivo foi estudar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias e testar se existem diferenças nos níveis de Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas.

A amostra incluiu 331 participantes que responderam a questionários de autorresposta. Para comparar mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas realizou-se uma MANOVA. Para testar o efeito preditor da Intimidade e Solidão nos comportamentos sexualmente agressivos, realizou-se uma Regressão Linear Múltipla.

Os resultados mostraram que 33.5% das participantes já recorreram a estratégias sexualmente agressivas. Destas, 60.4% já recorreram ao abuso sexual, 55% à coação sexual e 10.8% à força física. Foram encontradas diferenças entre os grupos para o Fator 1 (Validação Pessoal) e *score* total da Intimidade e Solidão. Na Validação Pessoal e *score* total da Intimidade, as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores médios inferiores. Na Solidão, as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores médios superiores aos obtidos pelo grupo de controle. Os resultados mostraram ainda que as variáveis preditoras explicaram 5.1% da variância dos comportamentos sexualmente agressivos.

As dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade e os sentimentos de solidão parecem desempenhar um papel importante na predisposição de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias.

Palavras-chave: comportamentos sexualmente agressivos; estudantes universitários; intimidade; proximidade e ligação aos outros; solidão; violência sexual.

Abstract

The goal was to study the prevalence of sexually aggressive behaviors in female college students and to test for differences in levels of Intimacy, Social Safeness, and Loneliness between sexually aggressive and non-aggressive women.

A sample of 331 participants answered to self-response questionnaires. To compare the sexually aggressive and non-aggressive women, a MANOVA was performed. To test the predictor effect of Intimacy and Loneliness on sexual aggressive behaviors, a Multiple Linear Regression was performed.

The results showed that 33.5% of participants have resorted to sexually aggressive strategies. Among these, 60.4% have resorted to sexual abuse, 55% to sexual coercion and 10.8% to physical force. Differences between groups were found for Factor 1 (Personal Validation) and total score of Intimacy and Loneliness. In Personal Validation and the total score of Intimacy, sexually aggressive women had lower mean values. In Loneliness, sexually aggressive women had higher mean values in comparison with the control group. The results showed that the predictor variables explained 5.1% of the variance of sexually aggressive behaviors.

Difficulties in establishing intimate relationships and feelings of loneliness seem to play an important role in predisposing female college students to sexually aggressive behaviors.

Keywords: college students; intimacy; loneliness; sexual violence; sexually aggressive behaviors; social safeness.

Índice

Índice de Quadros	IX
Nota Introdutória.....	X
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
1. Agressão sexual: Definição e prevalência.....	2
2. Agressão sexual perpetrada por mulheres	3
3. Estratégias sexualmente agressivas utilizadas por mulheres.....	5
4. Preditores e fatores de risco para a agressão sexual perpetrada por mulheres	7
5. O presente estudo: Objetivos e hipóteses	10
CAPÍTULO II – MÉTODO	11
1. Participantes	12
2. Instrumentos	13
2.1 SABS – Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (Anderson, 1996; versão portuguesa: Carvalho & Nobre, 2016)	13
2.2 PAIR - Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (Schaefer & Olson, 1981; versão portuguesa: Moreira, Amaral & Canavarro, 2009)	13
2.3 EPLO - Escala de Proximidade e Ligação aos Outros (Cook, 1996; versão portuguesa: Dinis, Matos & Pinto-Gouveia, 2008)	14
2.4 Escala de Solidão da UCLA (University of California, Los Angeles) (Russell, 1996; versão portuguesa: Neto, 1989)	14
3. Procedimentos de investigação	15
4. Análise de dados.....	15
CAPÍTULO III – RESULTADOS.....	17
1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos	18
2. Diferenças entre grupos nas variáveis Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão.....	19
3. Análise de preditores dos comportamentos sexualmente agressivos	20
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	21

Referências.....	26
-------------------------	-----------

Índice de Quadros

Quadro 1	Caraterização sociodemográfica da amostra
Quadro 2	Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS
Quadro 3	Diferenças entre os grupos na Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão
Quadro 4	Coeficientes da Regressão Linear Múltipla na predição de comportamentos sexualmente agressivos

Nota Introdutória

A agressão sexual é entendida como a iniciação do contacto sexual através de estratégias sexualmente agressivas, nomeadamente coação sexual, abuso sexual ou sexo forçado através de força física (Anderson, 1989). Ainda que exista o mito de que as mulheres são incapazes de agredir sexualmente o outro (Denov, 2003b), o fenómeno da agressão sexual perpetrada por mulheres é, cada vez mais, um tema emergente na sociedade, à medida que novos casos de vitimação masculina são denunciados, sendo bastante prevalentes em contextos universitários (Carvalho & Nobre, 2016). No entanto, são ainda poucos os estudos científicos realizados com mulheres sexualmente agressivas, nomeadamente estudantes universitárias. Para além disso, são inexistentes os estudos que estudem o funcionamento interpessoal de mulheres sexualmente agressivas (Carvalho & Sá, *in press*). Assim, a presente dissertação vem colmatar essas lacunas ao estudar, em primeiro lugar, a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos numa amostra de estudantes universitárias do género feminino. Foi também testado se existiam diferenças significativas entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas em variáveis interpessoais, nomeadamente a Intimidade, a Proximidade/Ligação aos Outros e a Solidão. Finalmente, foi testado o efeito preditor destas variáveis nos comportamentos sexualmente agressivos.

A tese encontra-se organizada em quatro capítulos. O Capítulo I – Enquadramento teórico, consiste numa revisão do estado de arte sobre a agressão sexual perpetrada por mulheres e respetiva prevalência na comunidade em geral e em contextos universitários. Neste capítulo são também apresentadas as principais estratégias sexualmente agressivas utilizadas por mulheres na interação com o sexo oposto, bem como os principais preditores ou fatores de risco dinâmicos para a violência sexual perpetrada por mulheres. O Capítulo II – Metodologia, diz respeito aos procedimentos metodológicos utilizados (caracterização da amostra, instrumentos, procedimentos da investigação e análise estatística dos dados). No Capítulo III – Resultados, são apresentados os resultados referentes à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos na amostra, à comparação dos grupos (mulheres sexualmente agressivas vs mulheres não agressivas) nas variáveis em estudo (i.e., Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros, Solidão) e ao modelo preditor de comportamentos sexualmente agressivos. No Capítulo IV – Discussão, é realizada uma síntese dos resultados, sendo os mesmos discutidos à luz de dados empíricos. São ainda apresentadas as limitações do presente estudo e sugestões para estudos futuros. Finalmente, são discutidas as implicações deste estudo para a prevenção da violência sexual em contextos universitários. Por fim, todas as obras citadas ao longo do texto são apresentadas na lista final de Referências.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Agressão sexual: Definição e prevalência

A agressão sexual é considerada um fenómeno global com graves consequências tanto para a vítima como para a sociedade (Zurbriggen, 2000). Antes de abordar o conceito de agressão sexual, é fundamental referir que existe uma grande variabilidade ao longo dos anos na forma como o mesmo é definido por diferentes autores.

Uma definição para agressão sexual foi proposta por Anderson (1989), que incluía a iniciação do contacto sexual (beijos, manifestações de carinho ou ato sexual), através de coação sexual (e.g., ameaça de fim de relacionamento ou pressão psicológica), abuso sexual (e.g., fazendo uso de uma posição de autoridade ou ato sexual com um menor) ou sexo forçado com recurso a estratégias físicas (através de ameaça, uso de força física ou ameaça com recurso a arma).

O conceito de coação sexual, incluído na agressão sexual, foi definido por Russell e Oswald (2001) como um conjunto de comportamentos aplicados no outro, desde a manipulação verbal (e.g., ameaças ou discussões) à agressão sexual forçada e violação, com o intuito de iniciar contacto sexual (Schatzel-Murphy, Harris, Knight, & Milburn, 2009). Segundo estes autores, existem quatro comportamentos de coação sexual: sedução, manipulação, intoxicação e força, que serão mais bem explicadas ao longo deste capítulo. Quando falamos de coação sexual, esta pode ser verbal ou forçada, sendo que a verbal diz respeito à insistência ou ameaça do sujeito, com o intuito de iniciar atividade sexual, enquanto a forçada é referente ao uso de força física, tendo o mesmo objetivo que a coação verbal (Hines, 2007). Por sua vez, Krahé, Waizenhofer e Moller (2003) consideraram qualquer comportamento que envolva contacto sexual contra a vontade do outro como agressão sexual. Este conceito inclui estratégias agressivas, desde a pressão verbal à ameaça física, tal como outros métodos de contacto sexual (e.g., ameaça ou uso de força física), que integram o conceito de violência sexual.

De acordo com Garcia-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise e Watts (2005), a violência sexual inclui comportamentos de coação sexual contra a vontade do sujeito, perpetrado em qualquer contexto. A coação pode passar por diferentes níveis de força, intimidação psicológica, chantagem ou ameaça (e.g., demissão de um emprego por parte de um patrão). A violência sexual abrange, também, a incapacidade de a vítima consentir a atividade sexual.

Mais recentemente, Hines e Douglas (2016) definiram agressão sexual como comportamentos e ações que vão desde a coação do ato sexual não desejado até ao ato sexual forçado fisicamente. Estes mesmos autores consideraram como violação o ato oral, vaginal ou anal, através de ameaça, intimidação ou incapacitação, deste modo sem o consentimento da vítima.

Sendo que existem várias definições do fenómeno e que as mesmas têm sofrido alterações ao longo dos anos, é fundamental referir que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência sexual como “*qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou avanços sexuais indesejados, ou atos para traficar, ou de outra forma direcionados, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, por qualquer pessoa independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer contexto, incluindo mas não limitado a casa e trabalho*” (Jewkes, Sen, & Garcia-Moreno, p. 149, 2002). Qualquer contacto forçado entre a boca, vulva, ânus ou pénis é considerado violência sexual.

Relativamente à prevalência de crimes sexuais em Portugal, segundo os dados estatísticos oficiais da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), entre 2013 e 2017 houve um aumento significativo do número de crimes sexuais registados (de 573 para 1070). Por outro lado, foi também registado um aumento do número de vítimas, que aumentou de 506 em 2013 para 979 em 2017. Do número total de vítimas registadas, 27 foram do género masculino em 2013 e em 2017 este número aumentou para 80. É também importante reforçar que o número de crimes sexuais perpetrados por mulheres aumentou significativamente, sendo que em 2013 foram apenas registados 14 casos e em 2017 este número aumentou para 32 (APAV, 2018).

2. Agressão sexual perpetrada por mulheres

Embora prevaleça a visão de que só os homens são capazes de agredir sexualmente, sendo as mulheres as vítimas primárias, a investigação revela que existe uma percentagem de homens vítimas de agressão sexual (Struckman-Johnson, Struckman-Johnson, & Anderson, 2003). Nos últimos anos, a violência sexual contra homens tem vindo a ganhar destaque na comunidade científica, sendo claro que os mesmos podem ser abusados sexualmente por mulheres, e que estas utilizam estratégias sexualmente agressivas de modo a iniciar o contacto sexual (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*; Isely & Gehrenbeck-Shim, 1997; Schatzel-Murphy et al., 2009). As primeiras investigações com homens vítimas de agressão sexual surgiram na década de 1970, com os relatórios de vitimação sexual provenientes de centros de violação (Struckman-Johnson, 1988).

O estudo pioneiro de Sarrel e Masters (1982) veio trazer os primeiros *insights* sobre a agressão sexual perpetrada por mulheres, colmatando assim a ausência de estudos empíricos nesta área. Os autores diferenciaram os conceitos de agressão sexual e abuso sexual, sendo que a agressão sexual diz respeito a situações onde o homem é forçado a se envolver em atividades sexuais não desejadas, através de ameaça de força física, enquanto que no abuso sexual os

homens são seduzidos sexualmente por parte da mulher. Estes dois conceitos constituem a violência sexual. Os autores documentaram 11 casos, onde homens eram vítimas de agressão sexual perpetrada por mulheres. Os sujeitos reportaram iniciação sexual forçada por parte de mulheres, onde foi possível verificar reações sexuais contra a sua própria vontade, como ereção ou ejaculação, cujas respostas poderão ter sido ativadas tanto por estimulação sexual, como por sentimentos de medo ou raiva. Este fenómeno é corroborado por Kinsey, Pomeroy e Martin (1948) que, anteriormente, publicaram uma lista de estados emocionais que podem ativar sexualmente um homem, nomeadamente o medo ou raiva. Nos 11 casos reportados (que incluíram o recurso a violência física, abuso sexual de jovens, abuso sexual incestuoso e/ou intimidação psicológica) foram encontradas consequências negativas nos homens, nomeadamente níveis de depressão, trauma e/ou aversão sexual (Sarrel & Masters, 1982).

Em 1988, Muehlenhard e Cook estudaram a prevalência de atividade sexual indesejada (e.g., beijos e carícias indesejadas, relações sexuais não desejadas) numa amostra de 993 estudantes universitários (507 do género masculino e 486 do género feminino). Relativamente a beijos ou carícias indesejadas, os autores encontraram uma percentagem de vitimação maior na amostra feminina (97.5%) comparativamente com a amostra masculina (93.5%). No que diz respeito à prevalência de relações sexuais indesejadas, os autores encontraram uma prevalência de vitimação maior nos homens (62.7%) comparativamente com a amostra feminina (46.3%).

No mesmo ano, Struckman-Johnson (1988) concluiu que 16% da sua amostra universitária de 268 homens reportou pelo menos uma experiência de agressão sexual perpetrada por uma parceira/namorada. Dos sujeitos que reportaram experiências sexuais não desejadas, 52% relataram coação na forma de pressão psicológica, 28% coação através da combinação de pressão psicológica e física, 10% força física e os restantes 10% reportaram que foram intoxicados (e.g., alcoolizados). Por sua vez, Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1994) realizaram um estudo com 204 homens estudantes universitários, sendo que 30% da amostra reportou ter experienciado pelo menos um episódio de coação sexual perpetrado por uma mulher, onde predominaram o toque sexual indesejado e o ato sexual.

Na década de 1990 surgiram vários estudos que avaliaram a prevalência do fenómeno em amostras de estudantes universitários. A maior parte dos estudos encontrou taxas de prevalência de agressão sexual perpetrada por mulheres contra homens entre os 13% e os 52% (Hogben, Byrne, & Hamburger, 1996; Zweig, Barber, & Eccles, 1997). Estes estudos sugeriram que os homens estudantes universitários podiam constituir um importante grupo de risco para a vitimação sexual (Struckman-Johnson, Anderson, & Struckman-Johnson, 2000).

Mais recentemente, Carvalho e Nobre (2016) afirmaram que a agressão sexual contra os homens é bastante frequente em amostras de estudantes universitários.

Apesar da evolução na investigação sobre a agressão sexual perpetrada por mulheres, as amostras utilizadas pela maior parte dos estudos podem não ser representativas do fenómeno devido à falta de relatos por parte dos homens vítimas. O não relato por parte destas vítimas pode ser entendido como uma barreira para o entendimento da extensão global do fenómeno, sendo que a agressão sexual perpetrada por mulheres é significativamente não reportada (Denov, 2003a; Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2012). Esta dificuldade nos homens em relatar os episódios de agressão sexual perpetrada por mulheres pode ser explicada pela influência de mitos e estereótipos de género, nomeadamente a ideia errónea de que a mulher é incapaz de agredir sexualmente o outro (Anderson & Struckman-Johnson, 1998; Denov, 2003b; D'Abreu, Krahé, & Bazon, 2013).

Quando se fala em agressão sexual, é tipicamente assumido a mulher como vítima enquanto o homem surge como o agressor. Esta conceitualização da mulher vítima e o homem agressor cria repercussões nos relacionamentos de jovens adultos, onde mulheres que utilizem estratégias sexualmente agressivas afastam-se da conceção típica de um agressor sexual. Contudo, a literatura indica que, cada vez mais, as mulheres são vistas como as iniciadoras sexuais, recorrendo a estratégias sexualmente agressivas contra os homens, nomeadamente estratégias *hands-off* (e.g., chantagem, coação verbal ou aproveitamento do estado de intoxicação de um homem) (Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*), que serão explicadas no ponto seguinte deste capítulo.

O trabalho de Rosencrans (1997) com uma amostra de homens vítimas de agressão sexual perpetrada por mulheres revelou que os homens apresentavam dificuldades em reportar o incidente, sendo um acontecimento nas suas vidas que tendem a não revelar. Assim, o baixo número de denúncias dos homens que experienciaram episódios de agressão sexual perpetrada por mulheres pode refletir uma dificuldade, também, no reconhecimento do episódio como um crime (Weiss, 2010). Esta recusa em denunciar a vitimação sexual pode dever-se à vergonha, medo de retaliação por parte do agressor ou até ao sentimento de não corresponderem aos papéis tradicionais que a sociedade assim confere aos homens (Sivakumaran, 2007; Weiss, 2010).

3. Estratégias sexualmente agressivas utilizadas por mulheres

A investigação mostra que as mulheres utilizam um conjunto de estratégias agressivas de coação sexual para obtenção de atividade sexual, desde sedução, manipulação, uso de

substâncias e até força física (Schatzel-Murphy et al., 2009). No que respeita à sedução, nos episódios sexuais em que a mulher inicia o contacto sexual contra a vontade do homem, esta adota, em regra geral, um papel tradicional sedutor, que inclui o *flirt* ou massagens contra a vontade do mesmo (Schatzel-Murphy et al., 2009; Waldner-Haugrud & Magruder, 1995). No que diz respeito a estratégias de manipulação, estas passam por insultar, induzir a culpa ou inveja na vítima, falsas promessas, ameaçar com o fim da relação ou chantagear (Schatzel-Murphy et al., 2009). Relativamente às estratégias de intoxicação, estas referem-se ao uso de álcool ou drogas num episódio sexual não desejado, desde a exploração de um sujeito através da sua incapacidade para consentir, até ao fornecimento de álcool ou drogas com o intuito de se aproveitar do estado do mesmo (Schatzel-Murphy et al., 2009), encontrando-se o sujeito incapaz de considerar o incidente como uma agressão, dar consentimento, ou escapar da situação abusiva (Struckman-Johnson et al., 2003). Por último, no que concerne às estratégias físicas e apesar de autores como Struckman-Johnson e colaboradores (2003) sugerirem que as mulheres utilizam menos estas estratégias comparativamente com os homens, o uso de força física é aplicado durante o episódio sexual, desde o bater, pontapear, agarrar, entre outros (Schatzel-Murphy et al., 2009). Numa amostra de 285 estudantes universitárias, as mulheres reportaram o recurso a um conjunto de estratégias verbais e físicas, predominando as estratégias de coação verbal (Russell & Oswald, 2001). No estudo de Struckman-Johnson e colaboradores (2003) com 656 estudantes universitários (275 homens e 381 mulheres), 26% das mulheres relatou ter utilizado, pelo menos uma vez, a estratégia de coação sexual contra homens.

Anderson e Aymami (1993) realizaram um estudo com 410 estudantes universitários (128 homens e 212 mulheres) e concluíram que as estratégias mais utilizadas entre as mulheres foram a tentativa de excitar o parceiro e a iniciação sexual enquanto o homem estava sob efeito de álcool ou drogas. Estratégias como pressionar o homem verbalmente, questionar a sua sexualidade e ameaçar acabar com o relacionamento também foram reportadas, embora em menor percentagem. Dez anos depois, Struckman-Johnson e colaboradores (2003) elaboraram uma lista de 19 estratégias sexualmente agressivas utilizadas por mulheres, que incluíam o toque e o beijo persistente, despir-se e despir o homem, ameaça ou chantagem, questionar a sexualidade do parceiro, entre outras. A estratégia mais utilizada foi o toque e o beijo persistente, sendo também comuns as estratégias de despir-se e despir o homem.

Segundo Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (2001), a pressão psicológica e o aproveitamento dos homens quando os mesmos estão sob efeito de álcool ou drogas são estratégias comuns entre as mulheres sexualmente agressivas. Podem ainda ser utilizadas

estratégias de força física, incluindo dano físico, isolamento num carro ou num quarto, ou uso de arma, embora com menor frequência. É ainda reportado pelos homens um cenário típico de agressão sexual, envolvendo “*uma mulher predadora que encontra um homem inebriado e persegue-o até que ele adormeça ou desmaie. A mulher, em seguida, manualmente ou oralmente, estimula-o até a ereção e tem relações sexuais com ele*” (p. 1). Mais recentemente, Weare (2018) estudou uma amostra de 154 homens vítimas de agressão sexual perpetrada por mulheres e concluiu que as estratégias mais utilizadas pelas agressoras foram a coação (verbal e física), o aproveitamento do estado de intoxicação e o uso de força física ou ameaça de danos físicos.

As estratégias de coação verbal, intoxicação ou chantagem podem ainda ser denominadas de estratégias *hands-off* e as estratégias onde se aplique força física denominadas de *hands-on* (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*), conceitos estes já anteriormente mencionados por Lussier e Healey, em 2010, onde comportamentos como observar o outro indivíduo a despir-se eram designados de *hands-off* e comportamentos como agarrar ou tocar nos genitais de outro indivíduo como *hands-on*. Em 2016, Carvalho e Nobre estudaram o perfil psicosssexual de 260 mulheres estudantes universitárias, sendo que 35.8% da amostra revelou já ter utilizado estratégias sexualmente agressivas na interação com homens. Especificamente, 46.2% das mulheres inquiridas utilizaram estratégias de coação sexual, 34.1% recorreu a estratégias de abuso sexual e 19.8% utilizou a força física para iniciar o contacto sexual com homens. Posteriormente, Carvalho, Rosa e Pereira, *in press*, estudaram o perfil psicopatológico e de personalidade de uma amostra de 794 mulheres estudantes universitárias. No que diz respeito à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos, os autores encontraram uma taxa de prevalência global de comportamentos sexualmente agressivos de 32.7%. Dentro desse grupo de mulheres, 72.3% revelou utilizar estratégias de coação sexual, 46.5% utilizou estratégias que envolvem abuso sexual e 13.1% utilizou força física. Este grupo de mulheres foi caracterizado por um conjunto de sintomas psicopatológicos (e.g., depressão, ansiedade e somatização) e um estilo de personalidade mal adaptativo (e.g., neuroticismo, impulsividade, traço de afeto negativo), comparativamente com o grupo de controlo.

4. Preditores e fatores de risco para a agressão sexual perpetrada por mulheres

Os fatores de risco associados à agressão sexual perpetrada por homens têm sido alvo de grande estudo nos últimos anos, mas muito pouca investigação se direciona para os preditores da agressão sexual perpetrada por mulheres (Carvalho & Nobre, 2016). Em 2003,

Krahé, Waizenhofer e Moller identificaram os seguintes preditores da agressão sexual em mulheres: abuso na infância, elevado nível de atividade sexual (múltiplos parceiros sexuais), comunicação confusa de intenções sexuais e pressão social relativamente ao ato sexual. No estudo de Hines (2007), níveis elevados de hostilidade para com o sexo oposto revelou ser um preditor da agressão sexual perpetrada por mulheres. Já Schatzel-Murphy e colaboradores (2009), concluíram que a compulsividade sexual era um preditor da agressão sexual em mulheres.

De acordo com Carvalho, Rosa e Pereira (*in press*) é ainda reduzida a investigação acerca da caracterização psicológica das amostras não-criminais de mulheres sexualmente agressivas, sendo praticamente inexistentes os perfis psicológicos e psicopatológicos dessas mesmas amostras. Estes marcos psicopatológicos são designados como fatores de risco dinâmicos e estáveis, ou seja, como as áreas psicológicas estáveis, vistas como fatores de vulnerabilidade para a agressão sexual. Estes fatores podem incluir domínios como a psicopatologia, o funcionamento interpessoal, as competências sociais, a regulação comportamental e emocional, o planeamento, a resolução de problemas, a impulsividade ou as atitudes distorcidas perante o crime ou a vítima (Craig, Thornton, Beech, & Browne, 2007; Hanson & Morton-Bourgon, 2005a).

Os fatores de risco dinâmicos são divididos em duas categorias: fatores dinâmicos estáveis e agudos. Os fatores dinâmicos estáveis dizem respeito às características psicossociais permanentes no agressor, podendo ser modificadas por um intervalo de tempo, como por exemplo a excitação sexual, distorções cognitivas ou funcionamento socioafetivo. Relativamente aos fatores dinâmicos agudos, estes alteram-se constantemente por um período de horas ou dias, como por exemplo os estados emocionais negativos, isolamento ou uso de substâncias (Carvalho & Nobre, 2012; Hanson & Harris, 2000).

Segundo Satıcı, Uysal e Akin (2013), de modo a preencher as suas necessidades fisiológicas e psicológicas, os indivíduos como seres sociais necessitam de relações sociais e de se sentirem próximos e ligados aos outros. Dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade, défices no funcionamento social, interesses sexuais desadequados e distorções cognitivas são considerados fatores de risco dinâmicos para a agressão sexual perpetrada por homens (Beech, Fisher, & Thornton, 2003; Hanson & Morton-Bourgon, 2005b). Para além disso, défices no funcionamento interpessoal e relacional prevalecem nas diferentes formas de agressão sexual, tanto em homens condenados por crimes sexuais, como em amostras comunitárias constituídas por homens estudantes universitários que utilizem estratégias sexualmente agressivas (Carvalho & Sá, *in press*). Apesar de variáveis como a gratificação

sexual, o desejo de estabelecer relações de intimidade/proximidade e a obtenção de vingança ou humilhação serem encontrados em mulheres condenadas por agressões sexuais (Gannon, Rose, & Ward, 2008), os défices de funcionamento interpessoal e a dificuldade em estabelecer relações íntimas saudáveis (que parecem estar subjacentes à agressão sexual) continuam a não ser estudados em amostras do género feminino. Segundo Marshall (2010), dificuldades no relacionamento interpessoal podem dificultar o estabelecimento de relações de intimidade com os outros, podendo inclusive contribuir para a solidão.

Segundo Hanson e Morton-Bourgon (2005b), dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade podem ser explicadas pelas fracas competências sociais/interpessoais, influências sociais negativas, identificação emocional com crianças, conflitos em relações de intimidade e sentimentos de solidão. Sendo a solidão emocional definida por Marshall (2010) como a diferença entre os níveis de intimidade desejados e os níveis alcançados, uma das consequências da persistência da solidão é a predisposição para a agressão.

De acordo com Carvalho, Rosa e Pereira (*in press*) a associação entre os fatores de risco dinâmicos e o comportamento sexualmente agressivo encontra-se no facto de circunstâncias stressantes originarem comportamentos sexualmente agressivos, tendo em conta as vulnerabilidades que estes indivíduos apresentam e as suas dificuldades em recorrer a estratégias de *coping* saudáveis. Para além disso, a ativação desses mesmos comportamentos em situações stressantes é conhecida em determinados modelos de agressão sexual (Marshall & Marshall, 2000). A agressão sexual torna-se, assim, uma forma viável de o indivíduo obter contacto sexual, visto que o episódio de agressão sexual é observado como sendo uma situação menos ansiogénica para os indivíduos com fracas competências sociais, nomeadamente ao nível relacional. Assim, estes indivíduos não fazem recurso às competências interpessoais que uma relação consentida exige. Os autores também defendem que a agressão sexual tem uma natureza interpessoal, onde o sentimento de inadequação interpessoal está presente em determinados comportamentos sexualmente agressivos.

Estilos disfuncionais de vinculação parecem também caracterizar os agressores sexuais condenados (Marsa et al., 2004), sendo que estes indivíduos apresentam défices ao nível das relações interpessoais (Brennan & Shaver, 1995), o que poderá indicar uma influência de défices relacionais em qualquer comportamento de agressão sexual (Carvalho & Sá, *in press*). Adicionalmente, uma amostra de homens estudantes universitários com comportamentos sexualmente agressivos relataram uma menor validação interpessoal pelas suas companheiras e atitudes mais agressivas em relações sociais. Desta forma, estes indivíduos apresentavam

comportamentos mais agressivos em relação aos outros e percecionavam-se como sendo dispensados por parceiras românticas (Carvalho & Sá, *in press*).

É frequentemente referida a implicação dos fatores de relacionamento interpessoal, nomeadamente o desajustamento interpessoal e as fracas competências sociais na predisposição para a agressão sexual. Apesar destes fatores serem apontados na caracterização de indivíduos que utilizam estratégias sexualmente agressivas para iniciar o contacto sexual, sobretudo em agressores condenados, o papel dos mesmos em amostras não-criminais é praticamente inexistente, sobretudo em amostras do género feminino (Carvalho & Sá, *in press*).

5. O presente estudo: Objetivos e hipóteses

A presente Dissertação vem colmatar as lacunas anteriormente apresentadas, ao estudar o funcionamento interpessoal de uma amostra de estudantes universitárias com comportamentos sexualmente agressivos (i.e., amostra não-criminal), focando-se em variáveis como a Intimidade, a Proximidade/Ligação aos Outros e a Solidão. Especificamente, e numa primeira fase, este estudo visa estudar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos (coação sexual, abuso sexual e força física) em estudantes universitárias do género feminino. Numa segunda fase, procura-se testar se existem diferenças significativas entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas nos níveis de Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão. Finalmente, irá ser testado o efeito preditor destas variáveis nos comportamentos sexualmente agressivos.

Tendo em conta resultados de estudos anteriores e/ou modelos conceptuais acerca da agressão sexual (e.g., Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho & Sá, *in press*; Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*; Schatzel-Murphy et al., 2009), foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação: a) Existe uma elevada prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias do género feminino; b) As mulheres sexualmente agressivas recorrem mais frequentemente à estratégia da coação sexual e com menor frequência à força física; c) Existem diferenças significativas entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas nas dimensões Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão; e d) A Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão predizem comportamentos sexualmente agressivos.

CAPÍTULO II – MÉTODO

1. Participantes

Os participantes do estudo foram estudantes universitárias do género feminino com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos. A seleção das participantes teve em conta os seguintes critérios de inclusão: a) 18 anos ou mais; b) orientação heterossexual; c) experiência sexual. Seiscentos e sessenta e quatro participantes (664) responderam ao protocolo online (cf. instrumentos e procedimentos de investigação). No entanto, dois participantes identificaram-se como homossexuais, cinco referiram não ter iniciado a vida sexual, 11 eram do género masculino e 315 não completaram o protocolo. Estes participantes foram excluídos do estudo, sendo a amostra final constituída por 331 estudantes universitárias. Os dados sociodemográficos das participantes são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1. Caraterização sociodemográfica da amostra

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	24.15	6.42
Idade da primeira relação sexual	17.16	2.27
	<i>N</i>	%
Estado civil		
Solteira	281	84.9
União de facto	28	8.5
Casada	12	3.6
Divorciada	8	2.4
Separada	1	0.3
Viúva	1	0.3
Habilitações literárias		
Licenciatura	225	68
Mestrado	83	25.1
Doutoramento	12	3.6
Outro	11	3.3
Número de parceiros sexuais atuais		
Nenhum	68	20.5
Um parceiro sexual	252	76.1
Múltiplos parceiros sexuais	11	3.3
Consumo de substâncias		
Não	299	90.3
Sim	32	9.7
Frequência do consumo		
Todas as semanas	16	4.8

Uma a três vezes por mês	7	2.1
Uma a três vezes por ano	9	2.7

Nota. Atualmente, nenhuma participante tem dois parceiros sexuais.

Múltiplos parceiros sexuais – Três ou mais parceiros.

2. Instrumentos

2.1 SABS – Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivas (Anderson, 1996; versão portuguesa: Carvalho & Nobre, 2016)

A SABS é constituída por 26 itens de autorresposta que avaliam o recurso a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Os itens são cotados como 0 (*nunca*) e 1 (*pelo menos uma vez*), consoante a frequência dos comportamentos (Anderson, 1996). Especificamente, esta escala avalia três fatores: Fator 1 - Coação Sexual (comportamentos que pressionam um homem verbalmente ou psicologicamente a ter relações sexuais), e.g., “*Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?*”; Fator 2 - Abuso Sexual (uso de alguma forma de autoridade para ter relações sexuais), e.g., “*Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade (baby-sitter, professora, conselheira, supervisora, patroa, entre outros)?*”; e Fator 3 - Força Física (uso ou ameaça de força física para iniciar relações sexuais), e.g., “*Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?*”. Cada fator é composto por quatro itens. Existem ainda 14 itens considerados neutros (e.g., “*Quantas vezes iniciou o contacto sexual com um homem?*”).

2.2 PAIR - Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (Schaefer & Olson, 1981; versão portuguesa: Moreira, Amaral & Canavarro, 2009)

O PAIR é um instrumento de autorresposta composto por 29 itens que avaliam o grau de intimidade percebida (grau de intimidade que o indivíduo sente na relação amorosa atual) e de intimidade esperada (grau de intimidade desejado nessa relação). Os itens são distribuídos por três fatores: Fator 1 - Validação Pessoal (validação pelo companheiro) com 14 itens, e.g., “*Por vezes sinto-me negligenciado(a) pelo(a) meu (minha) companheiro(a)*”; Fator 2 - Comunicação (expressão de sentimentos ou desejos numa relação amorosa) com 10 itens, e.g., “*O meu (minha) companheiro(a) escuta-me quando preciso de falar com alguém*”; e Fator 3 - Abertura ao Exterior (partilha de momentos com um grupo de pares) com cinco itens, e.g., “*Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas atividades em*

comum”. Cada item é respondido com base numa escala de cinco pontos, entre 0 (*discordo fortemente*) a 4 (*concordo fortemente*) (Moreira et al. 2009).

Referentemente às qualidades psicométricas, este instrumento demonstrou ser uma medida consistente na avaliação do construto da Intimidade, apresentando uma consistência interna razoável na sua versão original, onde o alfa de Cronbach se situa acima de .70 (Schaefer & Olson, 1981). Na versão portuguesa os alfas de Cronbach variaram entre .71 (Abertura ao Exterior) e .92 (*score total*) (Moreira et al., 2009). No presente estudo, os níveis de consistência interna foram .62 para Validação Pessoal, .64 para Abertura ao Exterior, .90 para Comunicação e .85 para o *score total*. As análises da consistência interna mostraram que, ao ser excluído o item 19 da Validação Pessoal, o alfa de Cronbach desta dimensão aumenta para .79. O mesmo se aplica na Abertura ao Exterior: excluindo-se o item 12, o alfa do fator aumenta para .71. Por este motivo, estes dois itens foram excluídos das análises.

2.3 EPLO - Escala de Proximidade e Ligação aos Outros (Cook, 1996; versão portuguesa: Dinis, Matos & Pinto-Gouveia, 2008)

Este instrumento avalia o modo como os indivíduos experienciam prazer, sentimentos e emoções positivas relativamente a situações sociais. A EPLO é composta por 11 itens referentes ao modo como os sujeitos se possam sentir em diversas situações de interação social, e.g., “*Sinto que sou aceite pelos outros*”. No que se refere às respostas, estas são respondidas com base numa escala de cinco pontos, entre 1 (*quase nunca*) a 5 (*quase sempre*) (Gilbert et al., 2009).

A consistência interna da escala é excelente, tanto na versão original como na versão portuguesa, apresentando um alfa de Cronbach total de .91 nas duas versões (Alavi, Moghadam, Rahiminezhad, Farahani, & Gharavi, 2017; Gilbert et al., 2009; Matos, Gouveia, & Duarte, 2015). Para este estudo, a consistência interna encontrada foi muito boa, com um alfa de Cronbach de .95.

2.4 Escala de Solidão da UCLA (University of California, Los Angeles) (Russell, 1996; versão portuguesa: Neto, 1989)

A Escala de Solidão da UCLA é o instrumento mais utilizado para avaliar sentimentos de isolamento social e de solidão, sendo composta por 16 itens que avaliam a frequência de sentimentos de solidão sentidos pelos indivíduos, com quatro tipos de resposta, entre 1 (*nunca*) e 4 (*frequentemente*), e.g., “*Sente-se abandonado*”, “*Sente-se posta à margem e excluída das outras pessoas*” (Neto, 1989).

No que concerne às qualidades psicométricas, este instrumento revelou uma elevada consistência interna, tanto na versão original da escala como na versão portuguesa, com alfas de Cronbach de .92 e de .91, respetivamente (Neto, 1989; Pocinho, Farate, & Dias, 2010). Neste estudo, o alfa foi de .95, mostrando uma consistência interna muito boa.

3. Procedimentos de investigação

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Os dados foram recolhidos através do método online, no qual os participantes responderam ao protocolo de avaliação através de um *link* online (construído na plataforma *Qualtrics*). Este estudo foi divulgado em diversas redes sociais pessoais e institucionais, com o título “*Como é que os estudantes universitários interagem sexualmente com o sexo oposto?*”. Como é habitual em investigações desta natureza, omitiu-se o real conteúdo e objetivo do estudo por razões de desejabilidade social. Contudo, foi explicado aos participantes a natureza intimista do estudo no formulário de Consentimento Informado. Foi também assegurado a todos os participantes o carácter voluntário da participação, bem como a confidencialidade dos dados e o seu uso exclusivo para fins de investigação. Foram ainda disponibilizados os contactos dos investigadores e do centro de investigação, para que os participantes pudessem tomar uma decisão informada.

4. Análise de dados

Os dados foram analisados com o software estatístico IBM SPSS v.22. Para a caracterização sociodemográfica da amostra foi realizada estatística descritiva ou análise de frequências (dependendo da natureza das variáveis). Para o estudo de prevalência de comportamentos sexualmente agressivos na amostra, recorreu-se à análise de frequências dos itens da escala SABS, assim como o *score* obtido no total da escala. Uma pontuação de 0 indicou que as participantes nunca recorreram a comportamentos sexualmente agressivos, enquanto uma pontuação ≥ 1 indicou que as participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a comportamentos sexualmente agressivos. Esta variável (*score* total da SABS) foi então transformada numa nova variável, com a designação de Grupo, tendo sido codificada da seguinte forma: 1 = grupo de controlo (pontuação na SABS = 0) e 2 = mulheres sexualmente agressivas (pontuação na SABS ≥ 1). Em seguida, analisou-se a frequência da variável Grupo.

Para as análises comparativas entre o grupo de mulheres sexualmente agressivas e o grupo de controlo (i.e., estudantes que nunca recorreram a estratégias sexualmente agressivas

na interação com o sexo oposto), foi realizada uma Análise da Multivariância (MANOVA). O grupo (mulheres sexualmente agressivas vs. grupo de controlo) foi introduzido como fator fixo e as variáveis Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão como variáveis dependentes. As comparações múltiplas de médias foram calculadas com ajustamento de Bonferroni. A magnitude do efeito foi calculada através do *partial eta square* (η^2p), com $\eta^2p = .01$ considerado um efeito pequeno, $\eta^2p = .06$ um efeito médio e $\eta^2p = .14$ um efeito elevado (Tabachnick & Fidell, 2013). Para estudar o efeito preditor das variáveis Intimidade e Solidão¹ na variável critério (*score* total no SABS), foi realizada uma Regressão Linear Múltipla com o método *enter*. Problemas de multicolinearidade foram analisados através do *Variance Inflation Factor* (VIF), sendo que valores superiores a 10 são indicadores de multicolinearidade.

¹ Não foi testado o efeito preditor da variável Proximidade/Ligação aos Outros porque os resultados apontaram para diferenças não significativas entre os grupos para esta variável (cf. secção dos resultados).

CAPÍTULO III – RESULTADOS

1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos

Através da análise das pontuações obtidas no *score* total da escala SABS, foi possível verificar que 111 (33.5%) das participantes já recorreram, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Deste grupo de participantes, 67 (60.4%) já recorreram a estratégias de abuso sexual, 61 (55%) a estratégias de coação sexual e 12 (10.8%) a estratégias de força física. Por outro lado, 220 participantes (66.5%) reportaram nunca ter utilizado estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto.

No Quadro 2, apresenta-se o número de participantes (com as respetivas percentagens) que responderam afirmativamente a cada um dos itens da escala SABS.

Quadro 2. Frequência de repostas assinaladas com 1 (pelo menos uma vez) aos itens da escala SABS

Itens	N	%
Coação Sexual		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?	11	3.3
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	39	11.8
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?	28	8.5
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem questionando a sua sexualidade (sugerindo que ele poderia ser impotente ou gay)?	10	3
Abuso Sexual		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade (patroa, professora, baby-sitter, conselheira ou supervisora)?	5	1.5
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem com 12 a 18 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos que você?	48	14.5
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem levando-o a embriagar-se ou drogar-se?	6	1.8
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem tirando partido de uma situação comprometedoras onde ele estava (estando ele num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	21	6.3
Força Física		
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-o, agarrando-o, atingindo-o, etc.)?	3	.9

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?	10	3
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando magoar-se a si mesma?	1	.3

2. Diferenças entre grupos nas variáveis Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão

Verificou-se um efeito significativo do fator em estudo sobre o compósito das variáveis [Wilks $\Lambda = .958$, $F(5, 325.000) = 2.882$, $p = .015$]. Como é reportado no Quadro 3, e no que diz respeito à Intimidade, a análise univariada revelou diferenças significativas para a Validação Pessoal e para o *score* total. Em ambos os casos, a comparação múltipla de médias, através da correção de Bonferroni, mostrou que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores médios inferiores aos do grupo de controlo. De acordo com o *partial eta square*, as magnitudes dos efeitos foram pequenas. Para os restantes fatores (Comunicação e Abertura ao Exterior) não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.

No que concerne à Solidão, a análise univariada revelou diferenças significativas entre os grupos, no sentido de as mulheres sexualmente agressivas apresentarem valores médios superiores aos obtidos pelo grupo de controlo. A magnitude do efeito desta diferença foi pequena. Finalmente, a análise univariada não revelou diferenças significativas entre os grupos para a variável Proximidade/Ligação aos Outros (cf. Quadro 3).

Quadro 3. Diferenças entre os grupos na Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão

	<i>Mulheres sexualmente agressivas</i>		<i>Grupo de controlo</i>		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Intimidade							
Validação Pessoal	43.40	5.01	45.07	4.67	9.011	.003	.027
Comunicação	29.86	7.79	31.39	7.74	2.889	.090	.009
Abertura ao Exterior	8.78	4.06	9.14	3.90	.603	.438	.002
<i>Score</i> total	82.04	13.20	85.60	13.21	5.372	.021	.016
Proximidade/Ligação aos Outros	38.37	10.56	39.68	10.17	1.189	.276	.004
Solidão	31.25	12.01	27.50	11.14	7.940	.005	.024

3. Análise de preditores dos comportamentos sexualmente agressivos

Tendo em conta que foram encontradas diferenças significativas entre os grupos para a Validação Pessoal (Fator 1 da Intimidade), *score* total da Intimidade e Solidão, foi testado o efeito preditor destas três variáveis nos comportamentos sexualmente agressivos. Os resultados revelaram que as três variáveis predictoras explicaram 5.1% da variância total observada no *score* total da escala SABS [$F(3, 127) = 24.541, p < .001$]. Como é reportado no Quadro 4, apenas a Intimidade (*score* total) se mostrou um preditor significativo de comportamentos sexualmente agressivos. A Validação Pessoal e a Solidão não foram preditores significativos de comportamentos sexualmente agressivos. Não foram encontrados problemas de multicolinearidade ($VIF < 10$).

Quadro 4. Coeficientes da Regressão Linear Múltipla na predição de comportamentos sexualmente agressivos

	β	SE	Beta	T	Sig.	Tolerance	VIF
Constante	2.321	1.645		1.048	.041		
Validação Pessoal	-.011	.015	-.050	-.686	.493	.549	1.820
Intimidade (<i>score</i> total)	-.027	.005	-.191	-2.104	.027	.429	2.330
Solidão	.010	.006	.115	1.759	.080	.684	1.463

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO

A agressão sexual é habitualmente considerada como sendo um crime exclusivamente perpetrado por homens, tipicamente assumindo a mulher como a vítima e o homem como o agressor (Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*), sustentando, desta forma, o mito de que os homens não podem ser vítimas de agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2016). Contudo, é cada vez mais reconhecido que as mulheres iniciam o contacto sexual, podendo utilizar estratégias sexualmente agressivas para o efeito, nomeadamente a coação sexual (Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*).

Desta forma, a agressão sexual perpetrada por mulheres tem vindo a ser alvo de investigação empírica, sendo evidente que os homens podem ser agredidos sexualmente por mulheres (Carvalho & Nobre, 2016). Ainda assim, a investigação apresenta algumas lacunas, sendo poucos os estudos que procuram caracterizar do ponto de vista psicológico as mulheres sexualmente agressivas (em amostras não-criminais), bem como estudos sobre preditores de comportamentos sexualmente agressivos em mulheres. É frequentemente referida a implicação de variáveis interpessoais (e.g., Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros, Solidão) na predisposição para a agressão sexual em indivíduos condenados, mas não em amostras não-criminais, especificamente do género feminino (Carvalho & Sá, *in press*). Deste modo, esta Dissertação procurou colmatar essas lacunas, ao estudar o funcionamento interpessoal de uma amostra de estudantes universitárias com comportamentos sexualmente agressivos (i.e., amostra não-criminal), com foco em variáveis como a Intimidade, a Proximidade/Ligação aos Outros e a Solidão. Especificamente, estudou-se a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos (e.g., coação sexual, abuso sexual e força física) em estudantes universitárias do género feminino, e testou-se se existiam diferenças significativas entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas em variáveis do funcionamento interpessoal, nomeadamente a Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão. Este estudo procurou também testar o efeito preditor destas variáveis nos comportamentos sexualmente agressivos.

Para este estudo, foram colocadas as seguintes hipóteses: a) Existe uma elevada prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias do género feminino; b) As mulheres sexualmente agressivas recorrem mais frequentemente à estratégia da coação sexual e com menor frequência à força física; c) Existem diferenças significativas entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas nas dimensões Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão; e d) A Intimidade, Proximidade/Ligação aos Outros e Solidão predizem comportamentos sexualmente agressivos.

No que diz respeito à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos na amostra, os resultados indicaram que 33.5% das mulheres já recorreram, pelo menos uma vez,

a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto, confirmando, assim, a primeira hipótese colocada. Estes resultados apontam para uma prevalência significativa deste tipo de comportamentos em amostras de estudantes universitárias, à semelhança de estudos anteriores, quer a nível internacional (e.g., Struckman-Johnson et al., 2003), quer a nível nacional (e.g., Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*), sugerindo que a utilização de estratégias sexualmente agressivas pode traduzir um padrão comportamental em estudantes universitárias. Estes resultados reforçam a ideia de que as amostras de estudantes universitárias constituem grupos de risco para a perpetração de agressão sexual (Carvalho & Nobre, 2016).

No que se refere a prevalências específicas, os resultados mostraram que 60.4% das mulheres já recorreram à estratégia de abuso sexual, 55% à estratégia de coação sexual e 10.8% à estratégia da força física. Estes resultados confirmam parcialmente a segunda hipótese colocada. Ao contrário de estudos anteriores que mostraram que a coação sexual é a estratégia mais prevalente em mulheres sexualmente agressivas (e.g., Carvalho & Nobre, 2016; Struckman-Johnson et al., 2003), este estudo mostrou que o abuso sexual foi o mais prevalente nesta amostra. Não obstante, o abuso sexual parece também ser frequente em mulheres que utilizam estratégias sexualmente agressivas, sendo que estudos anteriores demonstram, que o recurso à intoxicação alcoólica ou o uso de uma posição de autoridade (e.g., ser mais velha) (Struckman-Johnson et al., 2003) são também estratégias (de abuso sexual) comumente utilizadas por mulheres sexualmente agressivas. Relativamente ao uso de força física, esta parece ser a estratégia menos frequente na amostra em estudo, à semelhança do observado em estudos anteriores (e.g., Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*). Deste modo, a combinação de diferentes estratégias (coação sexual, abuso sexual e força física) tendem a ser estratégias bastante comuns em mulheres que recorrem à agressão sexual numa tentativa de iniciar o contacto sexual com o sexo oposto (Carvalho, Rosa, & Pereira, *in press*).

Em relação às análises comparativas entre o grupo de mulheres sexualmente agressivas e o grupo de controlo, os resultados apontaram para diferenças significativas entre os grupos na variável Validação Pessoal (Fator 1 da Intimidade), no sentido de as mulheres sexualmente agressivas apresentarem menor validação pessoal, comparativamente ao grupo de controlo. Este resultado sugere que estas mulheres poderão percecionam-se a si próprias como sendo dispensadas por parceiros românticos (Carvalho & Sá, *in press*). Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os grupos para as outras dimensões da Intimidade (Comunicação e Abertura ao Exterior), foi observada uma diferença significativa para o *score* total, sendo que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores inferiores aos do

grupo de controlo. Este resultado sugere que, em termos globais, as mulheres sexualmente agressivas apresentam dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade com parceiros românticos, corroborando resultados de investigação anterior. Vários autores têm defendido que níveis baixos de validação pessoal e dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade podem funcionar como fatores de risco dinâmicos para a violência sexual (Carvalho, 2011; Carvalho & Sá, *in press*).

Relativamente à Proximidade/Ligação aos Outros, os resultados apontaram para diferenças não significativas entre os grupos, confirmando parcialmente a terceira hipótese. Segundo Gilbert e colaboradores (2009), a Proximidade e Ligação aos Outros referem-se ao sentimento de conexão com os outros e de pertença social. Este estudo parece indicar que as mulheres sexualmente agressivas não apresentam dificuldades no estabelecimento de relações sociais com pares, apenas no estabelecimento de relações de intimidade com parceiros românticos. Apesar de estudos anteriores sugerirem que as dificuldades de relacionamento interpessoal se estendem às relações sociais com pares (Beech, Fisher, & Thornton, 2003; Carvalho & Sá, *in press*; Hanson & Morton-Bourgon, 2005b), importa referir que a maior parte destes estudos foram realizados com amostras do género masculino. Assim, o presente estudo sugere que as mulheres só apresentam dificuldades interpessoais no âmbito de relações românticas (e não com pares).

Relativamente à Solidão, os resultados mostraram que as mulheres com relato de estratégias sexualmente agressivas apresentaram níveis superiores de Solidão, em comparação ao grupo de controlo. Estes resultados são similares aqueles encontrados no estudo de Bumby e Hansen (1997), onde foram observadas dificuldades ao nível da intimidade e maior endosso de sentimentos de solidão em agressores sexuais, em comparação com o grupo de controlo. Mais recentemente, o estudo de Marshall (2010) identificou dificuldades no estabelecimento de relações íntimas e sentimentos de solidão significativos em agressores sexuais.

A análise de regressão linear múltipla mostrou que 5.1% da variância total observada nos comportamentos sexualmente agressivos foi explicada pela Validação Pessoal, Intimidade (*score* total) e Solidão. No entanto, apenas a variável Intimidade se mostrou um preditor significativo de comportamentos sexualmente agressivos, confirmando parcialmente a última hipótese colocada. Este resultado sugere, portanto, que dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade podem funcionar como fatores predisponentes ou de vulnerabilidade para comportamentos sexualmente agressivos, tal como é sugerido pela literatura (Beech, Fisher, & Thornton, 2003; Hanson & Morton-Bourgon, 2005b). No entanto, estes resultados devem ser interpretados com cautela, tendo em conta que o modelo preditor explicou uma

percentagem pequena da variância observada nos comportamentos sexualmente agressivos. Ou seja, outro tipo de variáveis (e.g., cognitivas, emocionais) poderão desempenhar um papel mais preponderantes na violência sexual perpetrada por mulheres, pelo que se sugere que este tópico seja estudado em investigação futura.

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Em primeiro lugar, é importante referir que os dados obtidos se referem a uma população específica (i.e., mulheres estudantes universitárias), não podendo, desta forma, ser generalizados para outro tipo de populações (e.g., mulheres condenadas por crimes sexuais). Para além disso, os dados de prevalência de comportamentos sexualmente agressivos podem não representar a população geral de estudantes universitárias heterossexuais, tendo em conta que mais de 50% dos participantes da amostra inicial foram excluídos ou desistiram do estudo.

Outra limitação está diretamente relacionada com a escala SABS. Esta escala não avalia a frequência de cada uma das estratégias sexualmente agressivas, pelo que não é possível determinar se os comportamentos reportados pelas participantes traduzem atos isolados (ou seja, foram utilizados apenas uma vez) ou um padrão de funcionamento generalizado. Deste modo, é importante que estudos futuros avaliem a frequência destes comportamentos sexualmente agressivos. A inclusão de uma medida de desejabilidade social parece também ser importante em investigação futura.

Por fim, e ainda que tenham sido encontradas diferenças significativas entre os grupos para algumas das variáveis dependentes, as magnitudes dos efeitos foram pequenas. Por todos estes motivos, os resultados deste estudo devem ser interpretados com cautela.

Para estudos futuros é também sugerido a realização de um estudo comparativo entre homens e mulheres em contexto universitário, bem como estudos com pessoas LGBTQI+ (*Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex* +) e com amostras criminais.

De uma forma geral, os resultados deste estudo sugerem que dificuldades no estabelecimento de relações de intimidade e os sentimentos de solidão desempenham um papel importante na predisposição e/ou manutenção de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias do género feminino. Tendo em conta a prevalência significativa de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitárias, parece ser importante a implementação de programas de prevenção/intervenção nestes contextos. Os nossos resultados sugerem que dificuldades do ponto de vista interpessoal podem ser identificadas/selecionadas como alvos de mudança ou tratamento destes mesmos programas.

Referências

- Alavi, K., Moghadam, M. A., Rahiminezhad, A. Farahani, H., & Gharavi, M. M. (2017). Psychometric properties of Social Safeness and Pleasure Scale (SSPS). *Journal of Fundamentals of Mental Health*, 19(1), 5-13.
- Anderson, P. B. (1989). *The semantics of assault, coercion, and rape: What are we talking about here?*. In Annual Meeting of the Society for the Scientific Study of Sex. Toronto, Ontario.
- Anderson, P. B. (1996). Correlates of college women's self-reports of heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8(2), 121-131.
- Anderson, P. B., & Aymami, R. (1993). Reports of female initiation of sexual contact: Male and female differences. *Archives of Sexual Behavior*, 22(4), 335-343.
- Anderson, P., & Struckman-Johnson, C. (Eds.). (1998). *Sexually aggressive women: Current perspectives and controversies*. Retirado de <https://books.google.pt/books?id=EwWSXYqtmk4C&lpg=PA7&ots=fQp2sQNNkf&dq=Anderson%20%26%20Struckman-Johnson%2C%201998%20sexually%20aggressive%20women&lr&hl=pt-PT&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2018). *Estatísticas APAV: Crimes sexuais 2013-2017*. Lisboa: APAV.
- Beech, A. R., Fisher, D. D., & Thornton, D. (2003). Risk assessment of sex offenders. *Professional Psychology: Research and Practice*, 34(4), 339-352.
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(3), 267-283.
- Bumby, K. M., & Hansen, D. J. (1997). Intimacy deficits, fear of intimacy, and loneliness among sexual offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 24(3), 315-331.
- Carvalho, J. (2011). *Factores de vulnerabilidade para a agressão sexual* (Tese de Doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2012). Dynamic factors of sexual aggression: The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40, 376-387.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(15), 2539-2555. doi: 10.1177/0886260515579504

- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (*in press*). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of Interpersonal Violence*. doi: 10.1177/0886260518760010
- Carvalho, J., & Sá, A. (*in press*). Male college students using sexually aggressive strategies: findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of Interpersonal Violence*. doi: 10.1177/0886260516689779
- Cook, D. R. (1996). Empirical studies of shame and guilt: The internalized shame scale. In D. L. Nathanson (Ed.), *Knowing feeling: Affect, script and psychotherapy* (pp. 132-165). New York: W. W. Norton & Company.
- Craig, L. A., Thornton, D., Beech, A., & Browne, K. D. (2007). The relationship of statistical and psychological risk markers to sexual reconviction in child molesters. *Criminal Justice and Behavior*, 34(3), 314-329. doi: 10.1177/0093854806291416
- Denov, M. S. (2003a). The myth of innocence: sexual scripts and the recognition of child sexual abuse by female perpetrators. *The Journal of Sex Research*, 40(3), 303-314.
- Denov, M. S. (2003b). To a safer place? Victims of sexual abuse by females and their disclosures to professionals. *Child Abuse and Neglect*, 27(1), 47-61.
- D'Abreu, L. C. F., Krahé, B., & Bazon, M. R. (2013). Sexual aggression among brazilian college students: Prevalence of victimization and perpetration in men and women. *Journal of Sex Research*, 50(8), 795-807. doi: 10.1080/00224499.2012.70279
- Gannon, T. A., Rose, M. R., & Ward, T. (2008). A descriptive model of the offense process for female sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 20(3), 352-374. doi: 10.1177/1079063208322495
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A. F. M., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. (2005). *WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. Geneva, World Health Organization.
- Gilbert, P., McEwan, K., Mitra, R., Richter, A., Franks, L., Mills, A., ... Gale, C. (2009). An exploration of different types of positive affect in students and in patients with bipolar disorder. *Clinical Neuropsychiatry*, 6(4), 135-143.
- Hanson, R. K., & Harris, A. J. (2000). Where should we intervene? Dynamic Predictors of sexual offense recidivism. *Criminal Justice and Behavior*, 27(1), 6-35.
- Hanson, R. K., & Morton-Bourgon, K. E. (2005a). *Predictors of sexual recidivism: An updated meta-analysis*. Canada: Public Works and Government Services Canada.

- Hanson, R. K., & Morton-Bourgon, K. E. (2005b). The characteristics of persistent sexual offenders: A meta-analysis of recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(6), 1154-1163. doi: 10.1037/0022-006X.73.6.1154
- Hines, D. A. (2007). Predictors of sexual coercion against women and men: A multilevel, multinational study of university students. *Archives of Sexual Behavior*, 36(3), 403-422.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Sexual aggression experiences among male victims of physical partner violence: Prevalence, severity, and health correlates for male victims and their children. *Archives of Sexual Behavior*, 45(5), 1133–1151.
- Hogben, M., Byrne, D., & Hamburger, M. E. (1996). Coercive heterosexual sexuality in dating relationships of college students: Implication of differential male-female experiences. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 8(1-2), 69-78. doi: 10.1300/J056v08n01_05
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: Dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, 23(2), 395-415.
- Isely, P. J., & Gehrenbeck-Shim, D. (1997). Sexual assault of men in the community. *Journal of Community Psychology*, 25(2), 159-166.
- Jewkes, R., Sen, P., & Garcia-Moreno, C. (2002), Sexual Violence. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi, & R. Lozano (Eds.), *World report on violence and health* (pp. 147-181). Geneva, Switzerland: Organização Mundial da Saúde (OMS).
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. P., & Martin, C. E. (1948). *Sexual Behavior in the Human Male*. Saunders, Philadelphia.
- Krahé, B., Waizenhofer, E., & Moller, I. (2003). Women's sexual aggression against men: Prevalence and predictors. *Sex Roles*, 49(5/6), 219-232.
- Lussier, P., & Healey, J. (2010). Searching for the developmental origins of sexual violence: Examining the co-occurrence of physical aggression and sexual behaviors in early childhood. *Behavioral Sciences and the Law*, 28, 1-23. doi: 10.1002/bsl.919
- Marsa, F., O'Reilly, G., Carr, A., Murphy, P., O'Sullivan, M., Cotter, A., & Hevey, D. (2004). Attachment styles and psychological profiles of child sex offenders in Ireland. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 228-251. doi: 10.1177/0886260503260328

- Marshall, W. L. (2010). The role of attachments, intimacy, and loneliness in the etiology and maintenance of sexual offending. *Sexual and Relationship Therapy*, 25(1), 73-85. doi: 10.1080/14681990903550191
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). The origins of sexual offending. *Trauma, violence, & abuse*, 1(3), 250-263.
- Matos, M., Gouveia, J., & Duarte, C. (2015). Constructing a self-protected against shame: The importance of warmth and safeness memories and feelings on the association between shame memories and depression. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 15(3), 317-335.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- Muehlenhard, C. L., & Cook, S. W. (1988). Men's self-reports of unwanted sexual activity. *Journal of Sex Research*, 24(1), 58-72.
- Neto, F. (1989). Avaliação da Solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65 – 79.
- Pocinho, M., Farate, C., & Dias, C. A. (2010). Validação psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para idosos portugueses. *Interações*, 15, 65-77.
- Rosecrans, B. (1997). *The last secret: Daughters sexually abused by mothers*. Brandon, VT: Safer Society Press.
- Russell, D. W. (1996). UCLA loneliness scale (version 3): Validity, and factor structure. *Journal of Personality Assessment*, 66(1), 20-40.
- Russell, B. L., & Oswald, D. L. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles*, 45(1/2), 103-115.
- Sarrel, P. M., & Masters, W. H. (1982). Sexual molestation of men by women. *Archives of Sexual Behavior*, 11(2), 117–131.
- Satici, S. A., Uysal, R., & Akin, A. (2013). Authenticity as a predictor of social safeness in turkish university students. *Ceskoslovenska Psychologie*, 57(6), 533-541.
- Schaefer, M. T., & Olson, D. H. (1981). Assessing Intimacy: The pair inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7(1), 47-60.
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974-986.

- Sivakumaran, S. (2007). Sexual Violence Against Men in Armed Conflict. *The European Journal of International Law*, 18(2), 253–276.
- Struckman-Johnson, C. (1988). Forced sex on dates: It happens to men, too. *The Journal of Sex Research*, 24(1), 234-241.
- Struckman-Johnson, C., Anderson, P. B., & Struckman-Johnson, D. (2000). *Tactics and Motives of Sexually Aggressive College Women and Men*. Paper presented at the annual meeting of the American Psychological Association, Washington, DC.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1994). Men pressured and forced into sexual experience. *Archives of Sexual Behavior*, 23(1), 93-114.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (2001). Men’s reactions to female sexual coercion. *Psychiatric Times*, 17(3), 1-5.
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won’t take no for an answer. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 76–86.
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson.
- Waldner-Haugrud, L. K., & Magruder, M. (1995). Male and female sexual victimization in dating relationships: Gender differences in coercion techniques and outcomes. *Violence and Victims*, 10(3), 203–215.
- Weare, S. (2018). From coercion to physical force: Aggressive strategies used by women against men in “Forced-to-Penetrate” cases in the UK. *Archives of Sexual Behavior*, 47(8), 2191–2205.
- Weiss, K. G. (2010). Male sexual victimization: Examining men’s experiences of rape and sexual assault. *Men and Masculinities*, 12(3), 275-298. doi: 10.1177/1097184X08322632
- Zurbriggen, E. L. (2000). Social motives and cognitive power-sex associations: Predictors of aggressive sexual behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 559-581.
- Zweig, J. M., Barger, B. L., & Eccles, J. S. (1997). Sexual coercion and well-being in young adulthood: Comparisons by gender and college status. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(2) 291-308.